

O Brasil e o mundo na época do Antropoceno: breve história de uma humanidade (in) sustentável

Brazil and the World in the Anthropocene Era: A Brief history of (un) sustainable humanity

Lindener Pareto Jr.¹, Fernanda Blumel Polone²,
Gabriela Santos³, Kaique Zacarias³, Lucas
Diego Ganzella da Silva³, Samuel Augusto Elias⁴

Resumo

Este artigo discute, de maneira introdutória, as condições ambientais do Brasil e do Mundo na época do Antropoceno. À luz das reflexões da *Laudato Si'*, e na esteira das críticas à ideologia do progresso e à insustentabilidade do nosso atual modelo econômico, propõe-se um regime de historicidade que considere a longa duração de um sistema que, paulatinamente, hipoteca as chances de recuperação do meio ambiente do planeta e compromete a própria condição humana.

Palavras-chave: Antropoceno. História Ambiental. *Laudato Si'*. Sustentabilidade.

Abstract

The article briefly addresses the Brazilian and world environmental conditions in the Anthropocene Era. In the light of the reflections of Laudato Si' and in the wake of criticism to the ideology of progress and unsustainability of our current economic model, we propose a historicity regime that considers the long

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdades de História e Ciências Sociais. Rod. Dom Pedro I, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: L. PARETO Jr. E-mail: lindenerpareto@gmail.com

² Graduanda, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Faculdade de Fisioterapia. Campinas, SP, Brasil.

³ Graduandos, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de História. Campinas, SP, Brasil.

⁴ Graduando, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Ciências Sociais. Campinas, SP, Brasil.

duration of a system that gradually hinders the chances of environmental recovery of the planet and jeopardizes the own human condition.

Keywords: *Anthropocene. Environmental History. Laudato Si'. Sustainability.*

Introdução

Resultado das condições materiais de existência, dos sistemas de representação da cultura e do universo religioso, a condição humana, na perspectiva do pensamento racional como distinção, foi capaz de domesticar a natureza selvagem – o que inclui a própria domesticação dos seres humanos –, e povoar, dominar e alterar, de forma substancial, toda a face da Terra. O fenômeno, desde há muito conhecido como evolução, desenvolvimento e cultura, hoje é colocado em perspectiva. De fato, o domínio humano não é só mais um como tantos outros na história de um planeta que já conta com, pelo menos, 4,6 bilhões de anos. Com efeito, se considerarmos a presença humana na Terra na figura do *Homo Sapiens* (há pelo menos 300 mil anos), podemos categoricamente afirmar que as grandes transformações que alteraram as condições da estrutura ambiental do planeta só começaram a se manifestar a partir da chamada Idade Moderna, o período compreendido entre 1453 e 1789. Estas transformações decorrem, principalmente, do desenvolvimento do Capitalismo Mercantil e suas principais premissas, como a conquista e colonização das Américas, a acumulação de capitais e o início da Revolução Industrial, que provocaram consideráveis alterações tanto na superfície da Terra quanto na atmosfera, e estas indicam uma nova época geológica da Terra: o Antropoceno. Ou ainda, a definição da nova época geológica pode ser compreendida como “a época Humana”.

O Antropoceno

Desde a emergência da questão ambiental, em meados da década de 1960, que a comunidade científica discute o impacto dessas transformações. No entanto, só no início da década de 2000 que o termo *Antropoceno* foi sugerido pelo químico holandês Paul Crutzen, para definir o intervalo de tempo mais recente na escala geológica da Terra. O “termo-conceito” evidencia a contínua – e ao que tudo indica – catastrófica influência das atividades humanas sobre o planeta, tanto nas suas estruturas físicas, químicas, como geológicas e biológicas. O conceito do Antropoceno vem se consolidando no meio acadêmico, sendo incorporado também pelas Ciências Humanas⁵. Quanto à datação, alguns marcos são de fato significativos quanto à capacidade humana de alterar as estruturas da Terra.

Poderíamos considerar, num primeiro momento, o desenvolvimento das forças produtivas que levaram às duas primeiras Revoluções Industriais, entre os séculos XVIII e XIX, que singraram os espaços da Terra com grandes extrações de minério de ferro,

⁵ CASTRO, E.V. Transformação na antropologia, transformação da antropologia. *Mana*, v.18, n.1, p.151-171, 2012.

ferrovias, grandes indústrias – com suas chaminés fumegantes, desvio de curso de rios, navegação a vapor e todo resultado das inovações que levaram ao início da Revolução Científica e Tecnológica⁶. Esta última, responsável pela modernidade tecnológica com a qual ainda convivemos.

A partir das inovações apresentadas, a Revolução Científica e Tecnológica leva os feitos humanos à uma escala inaudita. As disputas imperialistas do capitalismo financeiro, a crença no “capitalismo como religião”⁷ e, por conseguinte, o triunfo da ideologia do progresso⁸, levam as nações avançadas do Ocidente à catástrofe generalizada, encarnada nas duas Grandes Guerras Mundiais (1914–1919 e 1939–1945). Com um aparato militar destrutivo, uma parafernália tecnológica lancinante, os seres humanos – organizados em Estados Nacionais e doutrinados pelo Nacionalismo mais chauvinista – se aniquilaram, deixando um rastro de destruição no meio natural comparável aos causados pelas piores intempéries naturais.

Com a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) inaugurou-se um componente novo e ainda mais perverso da *Era Humana*. Além dos inomináveis horrores dos *Campos de Concentração* levados a cabo pela Alemanha Nazista (O Holocausto), as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki – lançadas pela “democracia” americana sobre um Japão inflexível – deflagram a barbárie da tecnologia como fanatismo: o fim da condição humana ao alcance de um botão. A partir do recrudescimento da “Guerra Fria” (1945–1992) entre as superpotências EUA e URSS, o mundo é assombrado não só pela ameaça de bombas nucleares e pela possibilidade real de uma guerra nuclear generalizada, mas por toda sorte de vazamentos e explosões de reatores nucleares, que já nos legaram algumas heranças radioativas que ceifaram a vida de centenas de pessoas e que a natureza levará milênios para conseguir eliminar⁹. É a condição evidenciada por acidentes como *Three Mile Island* nos EUA (1979); Tchernóbil na Ucrânia (1986); Césio – 137 no Brasil (1987) e, mais recentemente, a usina nuclear de Fukushima no Japão (2011).

Tais processos evidenciam uma condição incontestável: o ser humano deixou de ser mero agente biológico para se tornar uma força geológica implacável. Somos capazes não somente de alterar a paisagem da Terra, mas de comprometer a própria existência da vida no planeta. Além de temer as catástrofes naturais, passamos a temer também a nossa própria capacidade de destruição em massa, vale dizer, nos tornamos a própria catástrofe e a maior ameaça à vida no planeta¹⁰.

A partir da perspectiva geral da época do Antropoceno, que faz parte de uma única História Global de pilhagem aos recursos naturais do planeta, o Brasil se insere no quadro geral da acumulação primitiva de capitais, tendo a natureza como sua maior

⁶ HOBBSAWM, E.J. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

⁷ BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

⁸ Nas palavras de Michael Löwy, analisando a “filosofia da história” de Walter Benjamin, a ideologia do progresso é: “Em uma palavra, a crença confortável em um progresso automático, contínuo, infinito, fundado na acumulação quantitativa, no desenvolvimento das forças produtivas e no crescimento da dominação sobre a natureza”. Cf. LOWY, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, v.16, n.45, p.199-206, 2002.

⁹ HOBBSAWM, E.J. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

¹⁰ Sobre os “medos” de a catástrofe ver: DANOWSKI, D.; CASTRO, E.V. *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2014.

fonte de renda. Como parte da empresa comercial da colonização portuguesa, e na esteira da história do capitalismo global, o Brasil configurou-se, desde o século XVI, como peça fundamental de um sistema que paulatinamente hipoteca as chances de sobrevivência do meio ambiente e da vida num planeta que a Encíclica *Laudato Si'*¹¹ chamou de “a casa comum”.

Do pau-brasil à cana de açúcar, do ouro ao café, e da borracha à soja, uma série de produtos e de ciclos econômicos de exploração ilimitada dos recursos naturais, operada pela mão de obra escrava, deixam na história do Brasil – da Colônia à República, um rastro de destruição da cobertura vegetal original. Economia periférica na ordem do sistema capitalista, o Brasil é – ainda na segunda década do século XXI – um “gigante” agroexportador, todavia muitas vezes comprometido com os lucros do agronegócio e do latifúndio que, notadamente, são nocivos ao meio ambiente e às populações que dependem da agricultura familiar, do extrativismo sustentável e da devida preservação de matas e florestas, do cerrado à mata amazônica.

No Brasil, a emergência da questão ambiental, tal como colocada pelos debates internacionais desde a Conferência de Estocolmo em 1972, remonta à Constituição “cidadã” de 1988, cuja defesa do patrimônio ambiental foi reafirmada, e à ECO 92 – organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas), que reuniu centenas de chefes de Estado na cidade do Rio de Janeiro em 1992. Consolidar as premissas do desenvolvimento sustentável, questionar o consumismo e reafirmar o equilíbrio ecológico estavam entre as pautas do evento.

Mesmo diante de inúmeras conferências, debates e acordos, a lógica do Antropoceno parece não se intimidar com os reiterados apelos dos órgãos responsáveis pela defesa dos direitos ambientais e humanos. Se no âmbito internacional o Brasil tem se destacado por se comprometer com o desenvolvimento sustentável, dentro de suas fronteiras as violações constantes ao meio ambiente não constituem a exceção, mas sim a regra. O rompimento da “barragem de fundão” da mineradora SAMARCO, em 2015, é só a ponta mais aguda de um desastre ecológico constante. Das reminiscências da Mata Atlântica à floresta amazônica, a destruição do restante da “casa comum” anuncia o que poderíamos chamar aqui de “Estado de Sítio” do meio ambiente e, quiçá, da condição humana.

***Laudato Si'*: uma crítica necessária à “época humana”**

Na esteira das indignações suscitadas pelo quadro catastrófico até aqui narrado, nos idos de 2015 o Papa Francisco lançou sua 2ª Encíclica, a *Laudato Si'*¹². Com efeito, como um manifesto à consciência sustentável entre “homem e natureza”, a perspectiva

¹¹ FRANCISCO, Papa. *Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

¹²*Ibid.*

introduzida pela urgente encíclica não só retoma a trajetória histórica de um “sistema econômico insustentável”, como apresenta estreita ligação com a teoria crítica que contesta o Capitalismo e suas mazelas como um culto religioso¹³. De maneira geral, a ideia de propriedade e saque evocada pela Encíclica conclamam não só uma saída urgente para as mazelas de um sistema que assola o meio ambiente, mas uma profunda reflexão sobre o modo de encarar a ideia de “homem” e “natureza”. Trata-se de repensar a condição humana e a produção material da existência a partir da dialética inescapável entre humanos e mundo natural.

No apelo mais do que necessário da *Laudato Si'* não existe separação entre o social e o ambiental, a crise é uma só e, portanto, exige soluções integrais que superem a lógica do atual sistema, pensando em conjunto sobre ambas as esferas:

Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza¹⁴.

Finalmente, pensar nas reflexões da *Laudato Si'* e nas confluências da mesma com as teorias críticas que combatem a “ideologia do progresso”, no dizer de Walter Benjamin, deve ser uma ação permanente num mundo que, se não interromper a barbárie ecológica, já se sabe condenado.

¹³ Cf. BENJAMIN, 2013.

¹⁴ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.44.

